

Saberes, fazeres e natureza nas vozes de mulheres da Chapada dos Veadeiros-Goiás¹

Regina Coelly Fernandes Saraiva²

A Chapada dos Veadeiros, localizada na porção nordeste do estado de Goiás, é um lugar complexo, onde tradição e modernidade se encontram. Preservação da natureza e turismo ecológico são as principais variáveis do projeto ambiental que se desenvolveu na região em torno do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros – PNCV.

A criação do Parque, em 1961, entre vãos, fazendas e garimpos, foi marcada por conflitos e contradições. Ele foi criado em meio ao projeto modernizador voltado para a Chapada dos Veadeiros, sendo incorporada a esse projeto a exploração turística da sua natureza – transformada em atrativo –, ao mesmo tempo em que assumiu a função de conservar o cerrado pelas peculiaridades ecológicas que a região apresenta.³

A perda significativa do cerrado, na porção central do País, foi o aspecto que reforçou o processo de estruturação e fortalecimento dessa unidade de conservação, especialmente a partir dos anos 90. Na Chapada dos Veadeiros,

1 Este artigo é parte da tese de doutorado da autora, *Tradição e sustentabilidade: um estudo dos saberes tradicionais do cerrado na Chapada dos Veadeiros, Vila São Jorge-GO*, defendida em 2006, e uma reformulação da comunicação apresentada na VIII Reunião de Antropologia do Mercosul - RAM, realizada em Buenos Aires, em setembro/outubro de 2009.

2 Professora da Universidade de Brasília, *Campus* de Planaltina

3 O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros conserva uma parte representativa do cerrado brasileiro nos seus 65.514 ha. Foi reconhecido, em 2001, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco – como Patrimônio Mundial Natural.

o Parque Nacional foi responsável por conter os avanços do projeto de modernização econômica na região. Por outro lado, para afirmar a necessidade de preservação do cerrado, trouxe à tona conflitos e contradições.

A presença do Parque acentuou conflitos, entre eles os que dizem respeito ao território tradicionalmente ocupado pela população nativa. A necessidade de desocupar a área para a destinação do PNCV gerou a desapropriação de terras de parte da população tradicional da região. Foi em torno do *mito da natureza intocada* que foram se configurando atos para ver a área livre dessas populações, cuja presença era considerada incompatível com o Parque Nacional.⁴

Essa desapropriação atingiu, indistintamente, fazendeiros, lavradores e garimpeiros. Cada um desses grupos experimentou de forma diferente a experiência de ver suas terras, roças e lugares, ocupados por várias gerações, terem que ser desocupados em nome da preservação da natureza.

Conflitos e contradições que marcam a relação entre as populações tradicionais e a criação do Parque na Chapada dos Veadeiros são muitos. Entretanto, o objetivo deste texto é ir ao encontro dos saberes e fazeres, associados à natureza do cerrado, de domínio daquela população tradicional, (re) conhecer sua importância e significados. Esse conhecimento tradicional, tão presente naquela região, é aqui apresentado por meio das vozes de mulheres da Chapada dos Veadeiros. Foram selecionadas três, embora muitas delas tenham sido atentamente ouvidas. A natureza do cerrado será desvendada neste texto por Dona Maria Chefe, Dona Flor e Maria Barbosa.⁵ Ainda assim, os conflitos não serão diluídos, eles serão trazidos aqui a partir do olhar dessas mulheres: como elas compreendem a relação com o Parque e que valores atribuem ao seu conhecimento.

4 O mito moderno da natureza é parte do discurso centrado na preservação pura desta. Segundo Diegues (2001), a corrente preservacionista pode ser descrita como aquela que reverencia a natureza no sentido da apreciação estética e espiritual da vida selvagem (*wilderness*).

5 Foram selecionadas para este artigo parte das entrevistas de Maria Ferreira (Dona Maria Chefe), Florentina Pereira dos Santos (Dona Flor), Maria Francisca Barbosa (Maria Barbosa) e de uma moradora da Chapada dos Veadeiros que concedeu a entrevista, mas solicitou não ser identificada. As entrevistas foram realizadas em 2005 e 2006.

Saberes e fazeres tradicionais do cerrado

Para Geertz (1989), o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo tece, e sua cultura são essas teias, repletas de construções simbólicas, que se caracterizam por meio de práticas, saberes e fazeres que revelam identidades. Brandão (1996, p.56) sintetiza a concepção geertziana de cultura como “contexto em interação”: “Toda a cultura é, portanto, a cultura de um contexto de relações sociais e simbólicas”. É nesse contexto que produzimos narrativas sobre nós mesmos na relação que estabelecemos com o mundo, com o meio em que vivemos. Assim, a cultura é entendida como registro das experiências de homens e mulheres em um contexto cultural em interação. Nas narrativas de moradores da Chapada dos Veadeiros, natureza e cultura formam, juntas, numa teia de significados, a tessitura dos saberes e fazeres tradicionais do cerrado.

Segundo Matos (2001), a narrativa que formulamos sobre nós mesmos não é um dado inato, nem é transmitida por mecanismos biológicos; é criada por nós, cotidianamente, na nossa experiência social e histórica. É um dado tão complexo, e maravilhosamente diverso, que nos encanta. Encanta-nos a possibilidade de o homem ser capaz de produzir tantas narrativas sobre si mesmo, revelando qual a diferença que temos em relação aos animais e às plantas: “o homem tem vida biográfica, tem história e imaginação” (p.12).

Cada cultura tem uma maneira própria de representar, interpretar e agir sobre o meio natural (Diegues, 2001). Essa forma de representar define o próprio grupo e sua relação com a natureza. As populações tradicionais tecem suas teias de significados, suas experiências e histórias de vida a partir da relação de simbiose que estabelecem com o mundo natural. É nesse contexto que produzem seus saberes e fazeres e constroem o seu campo identitário. Nas palavras de Brandão (1996, p.31), é por meio dessa relação simbólica e de significados que os homens dizem entre si quem são.

A cultura é uma forma de interpretar o mundo. Cada grupo define a melhor maneira de formular essa interpretação. Desse processo emergem diversidades, multiplicidades de expressões como resultado da experiência de homens e mulheres com o seu meio, com o seu grupo, com o mundo. Assim, a cultura assume as características de ser multifacetada, plural, polifônica. Moradores da Chapada dos Veadeiros, a partir de suas experiências

com lugares, paisagens e a natureza do cerrado, definiram modos de vida, cultura e valores específicos daquele grupo. Revelam sua identidade por meio do conhecimento tradicional do cerrado, que se traduz em saberes e fazeres. Uma identidade tecida *com e no* ambiente onde suas histórias de vida foram construídas. Esse conhecimento traz experiências e aprendizados repassados entre gerações e que, ainda hoje, permeiam o cotidiano daqueles homens e mulheres, representados em uma tradição.

“A cultura faz”, afirma Brandão (1996), mas, para ele, mais importante do que enunciar a coleção daquilo de que a cultura é feita, ou o que ela faz os homens serem e fazerem, é compreender com densidade o que a cultura diz, ou o que os homens dizem entre si, através de símbolos e dos significados da cultura.

Dona Maria Chefe, Dona Flor e Maria Barbosa, moradoras da Chapada dos Veadeiros, são referências na comunidade. Benzendeiras, parteiras, raizeiras e ex-garimpeiras, também são profundas conhecedoras do cerrado e do local onde construíram suas vidas. Para elas, a natureza não é representada como conflito entre o tradicional e o moderno, e sim como encontro, como identidade, como saberes e fazeres que declaram quem elas são.

As experiências dessas moradoras revelam que a natureza se transforma em cultura. Os relatos de cada uma narram de modo prático como a biodiversidade do cerrado também tem uma dimensão cultural. Demonstram que o cerrado é parte de suas vidas e que tem sua expressão no cotidiano, na utilização medicinal das plantas ou no aproveitamento das plantas úteis, que fornecem a madeira para a construção, a lenha, os frutos comestíveis, a resina, os óleos, o sabão, as bebidas, as tinturas, entre outros usos. A diversidade de espécies, marca do cerrado da Chapada dos Veadeiros, foi o que possibilitou àquela população tradicional apresentar usos tão variados e expressivos. Essas práticas, inscritas no cotidiano, são experiências que Certeau (1994, p.13) define como “práticas ordinárias”, operações culturais que são movimentos do dia a dia e que nele são formulados.

A transmissão oral é o mecanismo utilizado para manter a tradição dos usos das plantas do cerrado. Essa transmissão garante o uso coletivo e compartilhado da tradição. O universo cultural que foi se elaborando a partir das experiências vividas *no e com* o cerrado gerou um “campo especializado de saberes”, traduzido na experiência acumulada do pai ou da mãe, e que é transmitida aos filhos. Constitui-se, assim, uma “rede de conhecimento” cujas informações que cada um possui são repassadas para o outro.

A natureza é explorada por esses moradores de várias maneiras para o atendimento de suas necessidades imediatas: uso da lenha, plantas medicinais, coleta de flores e, até mesmo, a exploração do cristal. São práticas que dizem respeito ao cotidiano, ao modo de vida, à experiência, muitas vezes marcadas por necessidades materiais:

Todo mundo garimpava. Não tinha outra maneira, outro tipo de vida aqui para nós. Serviço para sobreviver, era esse mesmo. (...) Ah, eu vou te falar... Nós já sofremos demais nos garimpos, Nossa Senhora. Era assim, tinha dia que a gente estava se sentindo ruim, doente, a cabeça doendo, mais tinha que ir, porque se não fosse, não tinha outro recurso para comprar as coisas de comida. (Relato de Dona Maria Chefe).

O conhecimento tradicional revela ainda que a observação faz parte do domínio dessas comunidades. Anez (1999) define essa experiência como conhecimento etnofitogeográfico, isto é, quando a comunidade conhece empiricamente regiões geográficas diferentes, assim como a vegetação que se apresenta em cada uma delas. Ou ainda um conhecimento de etnoespécies, quando a comunidade reconhece e reúne as plantas em grupos taxonômicos afins, ou consegue diferenciá-los mesmo estando proximamente aparentados como os pertencentes aos mesmos gêneros. Tal experiência se revela nas palavras de Maria Barbosa: “Cada lugar tem uma espécie. É muito raro você encontrar todas espécies num lugar só... É uma bolada aqui, é outra partindo para o lado da Água Quente, outra lá, para o lado do Vale da Lua, sempre no cerrado... Então, é uma parte que a gente sabe que existe. Mas não tem naquele local, e aí a gente procura.”

O cerrado, para as comunidades tradicionais da Chapada dos Veadeiros, é representado por muitos nomes e lugares: “mato”, “campo”, “sertão”, “brejo”, “mata”, “floresta” ou mesmo “cerrado”. Por isso, é frequente a variação de expressões: “remédio da mata”, “remédio do mato”, “remédio do cerrado”, “ervas do mato”. As distinções fazem parte dos lugares em que cada espécie é encontrada e demandam um conhecimento profundo sobre cada um desses ambientes.

A “especialização dos usos” também manifesta o domínio do saber sobre toda a planta, especialmente no uso medicinal: raiz, folhas, flores, frutos, casca, semente, caule, resinas. Essa “especialização” comprova que, para a

utilização, é necessário conhecer muito bem cada espécie. As plantas do cerrado para fins medicinais atendem a um amplo conjunto de enfermidades: problemas intestinais, anemia, problemas de pele, dor de dente, reumatismo, inflamações, hemorroidas, resfriados, cuidados no pós-parto, dores na coluna, diabetes etc.; e podem ser usadas como: depurativos, vermífugos, cicatrizantes, expectorantes, diuréticos, entre tantos outros usos. A tradição desses usos mostra que para cada tipo de enfermidade há uma forma diferente de preparar o remédio: chás, banhos, aplicação de resinas, infusões, cozimentos de partes das plantas, óleos, ingestão de frutos, frutos curtidos em vinho ou pinga, ramos de plantas, folhas e frutos macerados, xaropes, sendo esses os modos mais comuns de as plantas serem utilizadas.

A tradição também revela que é na coleta e no modo de preparar os remédios que o efeito desejado é atingido. Para Dona Flor, “a força da planta depende do lugar onde se faz a coleta”. Esse “segredo” motivou muitas idas ao “sertão” (lugares recônditos) em busca da planta considerada especial.

O sertão e pra cá. Quando vou colher passo o dia inteiro fora, aí lá eu colho umbu, amburana, sucupira e outras. Eu passo o dia fora, tem que ir porque é longe. Aqui não tem. Lá pra lá, para as bandas de lá tem erva, tem muito. Aqui tem doença, aqui nós temos cultura. Tem que ir no cerrado, na caatinga, em uma terra que produza o ipê. Sabe, toda erva plantada, ela não tem o vigor da erva nascida nas matas. (Relato de Dona Flor)

As garrafadas, mistura de várias ervas e raízes do cerrado, ainda são muito utilizadas pela população tradicional na Chapada dos Veadeiros. Adultos e crianças fazem uso delas por diferentes motivos. A garrafada é indicada como depurativo do sangue, para resfriado, dor de cabeça, sífilis, anemia, e reconhecida como “fortificante”. Tiborna, negra-mina, tiú, batata de purga, fedegoso, batatinha cigana, batata maruleite, caroba, boldo são algumas das plantas e raízes utilizadas nas garrafadas.

Nem todos na comunidade são considerados habilitados para a realização dessas “misturas mágicas”⁶, pois a “ciência popular” revela que todo cuidado dever ser tomado ao serem misturadas as plantas. As pessoas

6 Faço, aqui, uma associação com as “práticas mágicas” analisadas por Laura de Mello e Souza (1986). Ela apresenta em sua obra o universo cultural colonial repleto de curandeiros, cujas práticas são resultantes do encontro das tradições africana, indígena e de mestiços.

habilidades são aquelas que possuem profundo conhecimento do cerrado e são definidas como raizeiras. Também são identificadas pelo grupo como “pessoas especiais, de muito conhecimento”. Além do preparo das garrafadas e de outros remédios, são vistos na comunidade como conselheiro(a)s ou benzedore(a)s.

As garrafadas de Dona Flor são uma referência para os moradores da região. Seu conhecimento traz aspectos apontados por Câmara Cascudo (1972) na sua definição de garrafada. Esse pesquisador da cultura popular salienta os vários elementos simbólicos que estão presentes nessas práticas e que também aparecem na cultura tradicional da Chapada dos Veadeiros:

Panacéia feita por curandeiros do interior, destinada, na maioria dos casos, a curar todas as moléstias se o doente obedecer aos seguimentos (regra dietética) do ‘doutor raiz’, como são comumente denominados esses práticos da medicina popular, no sentido confucionista. Além de fórmulas tradicionais, algumas velhíssimas e deturpadas, há novidades e especialidades do curandeiro, suas descobertas e experiências de bom proveito. Raízes, cascas, folhas, frutos maduros, depois de lenta cocção, infusão com cachaça ou vinho branco, o líquido é posto numa garrafa, enterrado certo tempo, ou posto a serenar, durante uma ou várias noites, com ou sem luar, debaixo de cerimonial cabalístico, silêncio, ausência do sexo feminino, exposição ao sol nascente ou lua nova, frio da madrugada ou sol a pino. O consulente deverá abster-se de certos alimentos, tomar banhos em dias e horas preestabelecidos, conhecer ou não mulher, tudo com recomendações sisudas e graves ministradas com voz majestosa, da suprema autoridade (Cascudo, 1972, p. 425).

Saberes e fazeres tradicionais também estão presentes no uso das espécies do cerrado para alimentação. Como o fruto do cerrado não é cultivado entre esses moradores, sua utilização é restrita ao “tempo do fruto”, quando seu consumo é integrado à dieta daquelas comunidades: pequi, buriti, jatobá-do-campo, baru, bruto (ou o araticum) são exemplos de plantas listadas no preparo de doces, geleias, bolos, óleos e licores.

Flores e cactos também aparecem nos usos tradicionais desses moradores.

(...) A gente fazia pesquisa de tudo quanto era coisa, a flor de canela d’ema a gente comia [risos]. Porque a canela d’ema, você sabia que ela tem uma

vitamina danada? É, a gente estava lá naqueles mundos lá, longe do acampamento... Porque a gente saía seis horas, tinha dia que a gente saía seis e meia e só voltava meio-dia; aí, às vezes, na hora que a gente estava voltando, dava uma vontade de comer e o cerrado assim, cheio de flor de canela d'ema... “Ah, é agora que nós vamos sobreviver até chegar no barraco, que a fome tá demais.” Arrancava um bocado de canela d'ema, aquelas flores da canela d'ema arrancava mesmo e comia. (Relato de Maria Barbosa)

As plantas do cerrado, além do uso medicinal e na alimentação, são utilizadas para uma infinidade de empregos práticos. Uns de uso convencional, como a madeira para marcenaria, carpintaria, forros, mourões, caibros, ripas, portas, construção de móveis e casas. Há, ainda, outros menos convencionais, como: folhas que são usadas para limpar e arear panelas (lixreira); flores secas para enchimento de travesseiro e colchões (macela e paineira loira); painas para enchimento de almofadas (embiriçu); polpas de frutos para a fabricação de sabão (tingui, baru, pequi e buriti); óleos aromáticos (embira-branca); cascas para curtimento de couro (lixreira); tintura de tecidos e fios (pacari); gomas que servem para fazer bolas de borracha para as crianças (mangaba); folhas para a confecção de redes, chapéus e balaios; palhas que, ao mesmo tempo, servem para a cobertura de casas e fabricação de vassouras (buriti); caules que fazem tochas (camdobá), pincéis e cercas (canela-de-ema). Aos frutos, raízes e cascas do cerrado também são associados elementos simbólicos, sendo considerados afrodisíacos, “fortificantes” e tônicos: o pequi, a quina-amargosa e a vergatesa, entre tantas outras, são utilizados para esses fins⁷.

O uso ornamental e artesanal de hastes, inflorescências e frutos secos também é uma prática corrente entre os moradores da Chapada dos Veadeiros. Esse tipo de uso também faz uma exploração das folhas e galhos, como pode ser identificado na utilização da carne-de-vaca, cujos frutos, folhas e até os galhos secos são usados na composição de arranjos.

Identificar, reconhecer e utilizar as plantas de diferentes modos é um traço característico entre moradores dessa região. A natureza, para eles, é desvendada “por dentro”. Toda sua potencialidade é explorada para o

7 Para compor os empregos práticos e outros usos comuns das plantas do cerrado, além das entrevistas, foram consultados: Almeida, Proença, Sano e Ribeiro (1998), Ioris (1999) e Silva (2001).

atendimento das necessidades do cotidiano, assumindo a necessidade de se conhecer com profundidade aquilo que o ambiente pode prover.

O antropólogo Claude Lévi-Strauss (1989) observa o desejo universal que todos os povos, “primitivos” ou não, têm de conhecer e classificar seu meio ambiente biológico, seja simplesmente pelo saber em si, seja pela satisfação de impor um padrão a seu meio circundante. A classificação da natureza parte de um dado objetivo, empírico. Nas palavras de Dona Flor, “a planta é boa ou não é”. Essa classificação, na maioria das vezes, está associada ao uso das plantas para suprir necessidades, o que só é possível a partir da observação e do domínio do ambiente.

As plantas do cerrado são reconhecidas entre os moradores da Chapada dos Veadeiros pelo nome popular: araticum, bico-de-papagaio, bolsa-de-pastor, cabelo-de-negro, capim reis, assa-peixe, canela-de-ema, coco-babão, carvoeiro, erva de passarinho, faveiro, pacari, gonçalo-alves são alguns exemplos da multiplicidade de espécies existentes. Nomear as plantas faz parte do universo de significados atribuídos pela cosmologia popular (Lévi-Strauss, 1989). Essa classificação advém de uma intensa relação de observação do ambiente. Comunidades tradicionais recorrem a diversos aspectos para designar cada planta, destacando elementos que fazem referência não só ao seu caráter utilitário, religioso e à aparência física (humana ou animal), mas também a outras tradições (indígena ou negra).

Ao classificar e nomear as plantas do cerrado, a cultura tradicional associa elementos simbólicos, que apresentam⁸:

- semelhanças com animais: bico-de-papagaio, erva de passarinho, saco-de-boi, assa-peixe, mama-cadela, canela-de-ema, lobeira, castanha-de-macaco, quina-de-veado, tatu, pau-tucano, rabo-de-raposa, orelha-de-coelho, pau-de-largato, mosquitinho-amarelo, orelha-de-elefante, ananás-de-raposa, rabo-de-coelho;
- referências à herança católica, portando nomes bíblicos ou de santos: capim reis, pau-santo, folha-santa ou pau-de-josé, angélica, fava-de-santo-inácio, flor-de-santa-rita, são-gonçalinho, chá-de-frade, quaresminha, peroba-de-são-paulo;

8 Para essa classificação, além das plantas que aparecem nas entrevistas, foram considerados nomes de outras espécies que são utilizadas na Chapada dos Veadeiros, que aparecem em Almeida, Proença, Sano e Ribeiro (1998) e Silva (2001).

- aspectos sociais ao definir o nome: *cervejinha-de-pobre*, *ciganinha*, *flor-de-caboclo*, *pimenta-dos-negros*, *chá-de-bugre*, *coração-de-negro*;
- referência à utilidade das plantas: *carvoeiro*, *cinzeiro*, *faveiro*, *lixeira*, *lixerinha*, *gomeira*, *aroeira*, *pau-d'arco*, *colher-de-vaqueiro*, *pau-de-colher-de vaqueiro*, *tocheiro*, *bolsinha*;
- comestibilidade: *pau-de-leite*, *pau-doce*, *bananeira-do-cerrado*, *laranjinha-do-cerrado*, *quina-amargosa*, *vinhático*, *farinheiro*, *cajuzinho-do-cerrado*, *pau-de-vinho*, *feijão-coco*, *pau-d'óleo*, *capinzinho-arroz*, *mandioquinha-do-campo*;
- aparência da planta: *velame-branco*, *vergatesa*, *pau-terra-da-folha-pequena*, *sucupira-branca*, *sucupira-preta*, *embira-branca*, *pingo-de-ouro*, *arquitetônica*, *vermelhinha*, *sempre-viva-do-cerrado*, *estrela-do-brejo*;
- nomes de pessoas: *gonçalo-alves*;
- itens do vestuário: *bolsa-de-pastor*;
- semelhanças imaginárias com o corpo humano: *pé-torto*, *cabelo-de-negro*, *cabeça-de-negro*, *gritadeira*, *vergatesa*, *paineira-loira*, *coração-de-negro*;
- lugares e ambientes do cerrado que situam o local onde as plantas são encontradas: *jatobá-do-campo*, *flor-do-cerrado*, *amendoim-da-mata*, *pau-d'água*, *faveiro-do-cerrado*, *palmeira-do-brejo*, *aroeira-do-sertão*, *cinco folhas do campo*;
- tradição indígena: *araticum*, *ipê amarelo*, *amburana*, *apiá*, *baru*, *buriti*, *cagaita*, *embira-branca*, *ipê-verde*, *jacarandá*, *jatobá-do-campo*, *mangaba*, *pacari*, *pequi*, *camdobá*, *burerê*, *copaíba*, *carobinha*, *ipê-roxo*, *juá*, *jurubeba*, *sucupira*, *embaúba*, *murici*, *timbó*, *cuité*;
- tradição negra: *curriola*, *camdobá*;
- referências a seres sobrenaturais: *café-do-diabo* e *tingui-capeta*;
- cheiro das plantas: *casca-aromática*.

Essas classificações demonstram que muitos elementos são observados para que sejam elaboradas tais designações: o simbólico articula-se ao visual, ao social, ao utilitário e ao religioso, entre outros elementos. Todos os atributos das plantas são investigados e servem como referência para definir o nome. Essa forma de classificar é também uma forma de atribuir significados à natureza.

Os nomes de plantas que têm como referência a tradição indígena ou a tradição negra revelam que esse tipo de classificação também é resultante do sincretismo cultural que ocorreu na Chapada dos Veadeiros. Na região, é possível encontrar plantas cujos nomes fazem referência ao mesmo tempo ao passado católico ou à tradição indígena. A peroba é um exemplo desses encontros culturais: pode ser reconhecida ao mesmo tempo por *guatambu* ou *peroba-de-são paulo*.

O uso medicinal, sempre recorrente entre as populações tradicionais, é uma referência importante, a ponto de indicar como “milagrosas” determinadas espécies. É o caso do pau-santo, cujos atributos medicinais dotaram-lhe da fama de “santo”, por servir contra vários males. Esse aspecto revela que a sabedoria popular é capaz de empreender um olhar minucioso sobre o mundo que a circunda, e de atribuir valores complexos a esse mundo. Segundo Lévi-Strauss (1989), o simbolismo e as representações que os povos primitivos ou pré-industriais fazem da natureza revelam uma verdadeira “ciência do concreto”. Para nós, um verdadeiro tesouro de conhecimentos da botânica, da ictiologia, da farmacologia, entre outras ciências.

As experiências de moradores da Chapada dos Veadeiros revelam como a interação homem-natureza nas sociedades tradicionais é dialógica e dinâmica; expressam a relação orgânica e intensa que homens e mulheres estabelecem com o ambiente onde vivem e que formam sua identidade.

Vontade de deixar marcas

A “modernidade ecológica”, ao fomentar práticas em torno da preservação do cerrado e do turismo ecológico, contribuiu para a desagregação da cultura tradicional na Chapada dos Veadeiros ao sustentar a necessidade de separação entre homem e natureza.

A presença do PNCV e o projeto inaugurado na região acirram conflitos por terem atingido diretamente as práticas tradicionais e por imprimir ritmos de vida que transformaram a experiência coletiva. O conflito, segundo Halbwachs (2004), nasce do sentimento de perda dos valores e da identidade, que também é representado pela perda do lugar. “O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos e depois

apagamos os números e figuras. (...) O lugar recebe a marca do grupo, e vice-versa. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo (...)” (p. 139). Os lugares, pontos de referência (paisagens, tradições e costumes, patrimônio arquitetônico etc.), exercem sobre nossas vidas a função positiva de reforçar a coesão social, de fomentar identidades coletivas.

Uma moradora chama atenção para as consequências do novo contexto: os mais jovens não se interessam pelo conhecimento que os mais velhos detêm: “Pergunta para ela... [aponta para a neta] quando ela tiver a minha idade, não vai saber definir nada! Ela vai dizer: ‘isso eu ouvi minha avó falar’, só isso.”

Para moradores nativos, as modificações que ocorrem na região com a “modernidade ecológica” atingem modos de vida, perdas de valores e experiências associadas com o lugar, a paisagem, o espaço. Dona Maria Chefe, refletindo sobre essas perdas, observa a impossibilidade de ter acesso às plantas, ou mesmo à lenha: elementos do seu cotidiano que expressam sua relação com o lugar. Ela revela sua insatisfação diante do novo contexto: “Não, eu vou te falar, eu não gostei desse negócio de Parque não. Eu não gosto nem de ver os carros... para dizer a verdade, nem dos carros do Parque eu não gosto de ver.”

Moradores enfatizam que o projeto de preservação está repleto de inconsistências e contradições. Os questionamentos deixam claro que se manifestam representações distintas de natureza. Para as populações tradicionais, a natureza é parte de suas experiências de vida: é para ser tocada, manipulada, de modo que homem e natureza possam ser beneficiados com essa relação.

Nas narrativas dos moradores da Chapada dos Veadeiros estão presentes uma profusão de sentidos, dentre eles, a vontade de deixar marcas, de deixar rastros diante da possibilidade de perda de identidade. A busca de significados para os saberes tradicionais que ainda vivem, pulsam, manifestam-se em experiências como a de Dona Maria Chefe, Dona Flor e Maria Barbosa, parecem dizer: “olha, nós estamos aqui, vivos! Como legar para outras gerações nosso conhecimento? Nosso destino é o esfacelamento total desses saberes e fazeres?”

Nesse contexto, essa vontade revela projetos, estratégias e propostas, especialmente entre as mulheres, que questionam as contradições criadas a partir da presença do Parque Nacional. As reflexões dessas mulheres apontam

para outras possibilidades, para outra modernidade possível, que não nega a presença do Parque e seus benefícios. Chamam atenção para o conhecimento tradicional e para a contribuição que ele pode dar ao projeto de preservação da natureza, pois reconhecem que seus saberes e fazeres são complementares e não uma oposição ao novo projeto na região.

Nos relatos dessas moradoras, a vontade de deixar marcas é representada pelo desejo de que a tradição dos saberes e fazeres do cerrado se mantenha viva; no reconhecimento de que o saber popular pode estar inserido na “modernidade ecológica”, ressaltando a necessidade de interfaces entre o conhecimento tradicional e o conhecimento científico.

Eu vejo assim... eu queria passar esse conhecimento para as pessoas mais jovens, para que seja um trabalho reconhecido e usado. Porque não adianta nada eu fazer um monte de remédios aqui e ficar aí. E não adianta nada eu saber sozinha. Eu queria que várias pessoas aprendessem e tivesse uma farmácia, uma, duas farmácias para distribuir, não é? As pessoas saberem onde tem, comprar, usar, eu penso assim. (Relato de Dona Flor)

Esses desejos, que também são questionamentos, nasceram dos conflitos com o projeto do PNVC. Isso contribuiu para a reflexão sobre o significado e a importância desses saberes e fazeres no novo contexto social. A vontade de que o conhecimento tradicional seja repassado, como demonstra Dona Flor, significa o reconhecimento de que possuem um legado. Nas narrativas dessas moradoras, estão presentes propostas de valorização de suas tradições, como direito à memória, direito ao passado.

Para Maria Barbosa, a valorização desse legado está articulada à história de ter sido garimpeira. Mas, ainda que defina como estratégia uma “identidade garimpeira” (como parte da sua história de vida e de tantas outras pessoas da comunidade), e de muitas vezes aquele tempo ser trazido com nostalgia, o desejo de deixar marcas não significa a retomada daquele modo de vida. Não significa voltar a um tempo que já passou, numa visão idílica do tempo do garimpo. Maria Barbosa, em seu relato, não deixa de acentuar: “a vida do garimpo era horrível”.

O desejo de fazer parte do projeto de modernidade não significa diluir conflitos, mas o posicionamento de que o conhecimento que dominam não deve ser visto simplesmente como “exótico”. O fato de conhecerem com

profundidade o lugar e o ambiente onde tradicionalmente viveram gera questionamentos sobre a condição de exclusão dos seus saberes e fazeres, especialmente no que diz respeito à preservação do cerrado. Essa questão traz à tona a necessidade de uma gestão participativa do PNCV como um mecanismo de atuação daquela comunidade tradicional: o conhecimento científico e o popular têm que andar lado a lado.

Para antigos moradores, o manejo tradicional das espécies de cerrado, somado ao conhecimento científico, minimizaria problemas com algumas espécies, como a arnica e o pequi que, por não serem manejados adequadamente, no tempo certo, apresentam doenças, ou estão desaparecendo. Para muitos, o que tem gerado essa situação é a “falta de gente” para manipular as espécies. As restrições impostas ao manejo tradicional acabam por comprometer a vitalidade do próprio cerrado.

Intercambiar experiências representaria soluções para inconsistências e contradições do modelo de preservação instituído. Ao apontarem para a necessidade de associar o científico e o popular, traduzem a percepção de que os saberes tradicionais são complementares e de que um conhecimento não deve ser substituído pelo outro.

Nas narrativas sobressaem sentidos de que os saberes e os fazeres tradicionais formam um patrimônio coletivo resultante de experiências com a biodiversidade do cerrado que, além de ser físico, também é cultural. O maior legado desse grupo está naquilo que conhecem do cerrado e é nesse sentido que podem contribuir, desde que a presença das populações tradicionais não seja reconhecida como “destruidora da natureza”.

Isso não significa dizer que essa população vivia num mundo intocado, ideal, pleno de paz e harmonia entre homem e natureza: o cerrado foi conservado em meio a práticas culturais como a caça, a criação do gado, o garimpo e a coleta de flores tão presentes nas histórias de vida desse grupo. A natureza, para as populações tradicionais, é representada como um bem a ser explorado para atender suas necessidades vitais, mas também como um bem a ser protegido. Maria Barbosa, nos ensinamentos que recebeu de sua mãe, traduz essa postura entre os moradores:

Tudo que a gente precisava, a gente coletava no cerrado, para vender não, isso nós nunca fizemos, porque se a gente for fazer isso acaba com as plantas do cerrado, não é? Então até isso ela falava para gente [refere-se

à mãe]: “olha, isso daqui está para o uso de vocês; vocês conhecem, têm conhecimento; no dia que vocês tiverem que depender de tal planta assim, você vem recolher essa planta e fazer o chá para você tomar”. (Relato de Maria Barbosa)

Para ela, conservar o cerrado é parte de sua experiência de vida e não algo distanciado disso. Ao rememorar, deixa claro como essa prática está articulada ao seu cotidiano na relação com a mãe.

Entre as moradoras, a visão de preservação também é um legado, além de revelar o ensinamento de que proteger a natureza não significa ter que mantê-la intocada. A visão que esses grupos compartilham associa homem, natureza e cultura como parte de um processo único. “O homem é natureza e a natureza seu mundo: o fundamental não é a natureza em si, mas a relação entre o homem e a natureza.” (Moscovici *apud* Diegues, 2000, p.23).

A contribuição do conhecimento popular para a proteção da natureza, em projetos como o do PNCV, cria condições para a preservação dos saberes e fazeres tradicionais, entendidos como patrimônio cultural daquela comunidade. Ao mesmo tempo, garante a possibilidade de legar para as futuras gerações um conhecimento que traduz o cerrado não apenas nas suas condições biofísicas, mas também culturais.

A vontade de deixar marcas coloca em questão as condições de reprodução dos saberes e fazeres tradicionais. Nos relatos é acentuada a necessidade de acesso ao território e à natureza, para que o conhecimento tradicional continue se manifestando. O relato de uma moradora representa esses aspectos e deixa claro como essa questão é o ponto nodal das relações que envolvem as populações tradicionais e as áreas naturais protegidas.

O mais difícil que eu acho é porque hoje é assim: ainda que a gente conheça alguns remédios do mato que são bons, ninguém pode ir no mato para arrancar, porque se o pessoal do Ibama souber... Não tão deixando, não querem que arranque. Eles nunca falaram que não deixavam, mas a gente sabe que eles não querem que destroe. Então ninguém pode, por exemplo, sair com um cavador nas costas para procurar um remédio; se sair com um facão na mão para tirar uma casca de uma árvore para fazer um remédio, não pode. Está difícil! A gente não pode arrancar, não pode tirar uma casca. Mas o fogo pode vir de fora para dentro e queimar tudo. Que nem acontece, têm alguns remédios num canto que você às vezes precisa

arrancar no mês de julho para agosto, porque ele cai a folha todinha; se você precisar arrancar depois, não pode, não pode arrancar porque não acha a planta. Agora, se passar o fogo e se o fogo vem na hora certa, ela brota todinha, fica fácil da gente ver ela assim. Está tudo fechando... O caque, que é a “cabeça de frade”, ninguém pode ir lá para pegar. Está fechado lá! Fizeram RPPN. O dono novo, que comprou isso lá, até colocou uma cerca, e ninguém pode entrar. Até para isso está difícil. Tem que ir longe, ou então tem que ir para ali... Escolher a hora para poder pegar. Pois então, não pode fazer isso não... E acontece que eles mesmos, uma hora dessas, podem precisar! Agora, tem uma coisa. O que eles tão querendo fazer, isso eu não concordo... Porque isso está tirando o direito aqui do nativo do lugar. Direito assim, porque vamos supor, aculá ninguém pode entrar mais na cerca do Ibama. Aí, nem eu, nem Maria Chefe e outras se quisermos entrar lá, vão ter que pagar? Se nós quisermos entrar em algum lugar que nós vimos criar, crescer, nós vamos ter que pagar? E o que vai chegar para nós? Eu sou contra por isso: vai chegar num ponto que a gente daqui, do lugar, nem os daqui, nem “os de fora” vão ter direito de entrar. “Os de fora” entram, porque vai ser cobrado. Um dia, depois, se você quiser entrar lá, você vai ter que pagar para entrar? Eu nunca fui ao Parque. Eu fui lá quando eu ia para o garimpo... Quando eu ia trabalhar de garimpo, quando eu ia pegar lenha. Porque lá onde é o centro de visitantes, aquilo ali era o ponto de eu pegar lenha, era onde eu passava para ir para o garimpo. Então, dali pra lá, assim bem lá em cima, se chamava garimpo do Escorrido. De lá a gente avista isso aqui tudinho. Bonito! Nunca mais eu fui. Acho que tem bem uns 15 anos. Eu vou ficando sem graça com as coisas (...). (Relato de uma moradora)

Dona Maria Chefe também se indigna ao ver seu cotidiano, sua experiência como raizeira e dona de casa ser coibida por ações em nome da *natureza intocada*. A presença do Parque interferiu no seu dia a dia, nos seus saberes e fazeres, pois hoje é impedida de ter acesso a lugares que são parte de sua história de vida. Para ela, essa relação é representada como “ganância”: “O povo é uma ganância tão péssima... eu ia falar pra eles assim: o que adianta essa ganância de vocês, porque ninguém não pode entrar no Parque, arrancar um pé de remédio, não pode apanhar um pau de lenha, que vocês estão brigando, não pode apanhar nada, nem entrar dentro da área do Parque, não pode entrar.”

Sem as condições de acesso ao território e à natureza, os saberes e os fazeres tradicionais assumem uma condição cada vez mais frágil nesse contexto. Contraditoriamente, a “modernidade ecológica”, cujo pressuposto é a preservação, impulsiona essa fragilidade. O “cercamento de tudo”, em nome da *natureza intocada*, e a condição de silenciamento imposta ao conhecimento tradicional revelam como a gestão de áreas naturais protegidas precisa ser repensada e aprimorada.

Mas, você sabe o que eu quero primeiro: é um terreno para fazer uma horta, para plantar as ervas, porque eu vou ensinar esses meninos a fazer o quê, eu não tenho onde pegar, e aí? Primeiro a gente tem que plantar para depois manipular. Agora manipular como? Nós vamos fazer o xarope, fazer o vermífugo, eu ponho esses meninos juntos para fazer; cada um pega um vidro e leva para casa. Eles vão usar, eles vão dizer: “o negócio é bom, agora vamos fazer”. (Relato de Dona Flor)

Esse relato traz a intenção da transmissão dos saberes e fazeres e demonstra a necessidade do acesso ao território para a transmissão e valorização do conhecimento. Para Dona Flor, o uso é a garantia de que o conhecimento permaneça vivo. Ela se questiona: “como ensinar o que se sabe, se não pode colher as espécies que necessita para manipular os remédios?”.

A questão em torno do território e o acesso aos recursos traz à tona a sustentabilidade do próprio conhecimento tradicional. Nesse contexto, o que está em jogo não é somente a garantia da natureza para as futuras gerações, mas como garantir que expressões culturais articuladas à natureza do cerrado também possam ser transmitidas como legados. Uma gestão participativa e o intercâmbio de saberes para garantir a proteção da natureza são condições que podem contribuir com a sustentabilidade da tradição dos saberes e fazeres do cerrado. São medidas que impõem a necessidade de pensar o cerrado não apenas como *natureza intocada*, mas como natureza que se traduz em cultura, estando nela presentes significados que não podem ser desprezados. Para isso, o território como espaço de reprodução do conhecimento é imprescindível.

Soma-se à questão do acesso ao território, o direito ao lugar e à memória como dimensões de cidadania. Reconhecer o direito ao lugar e aos valores tradicionais são recorrentes na narrativa dessas moradoras. Um pacto está presente nas entrelinhas: assim como a Chapada dos Veadeiros

modernizou-se (com a presença da “modernidade ecológica”), e seus moradores tiveram que se “adaptar” às mudanças, o que desejam agora é o Parque “sertanejar-se”. Isto é, um Parque dentro da comunidade, mas afinado com suas necessidades, interesses e identidades. Esse pacto chama atenção para outra “modernidade ecológica” possível: que considera valores culturais como parte da natureza a ser protegida.

Nas vozes dessas mulheres está presente o reconhecimento de que são as experiências *com e no* lugar o maior atributo a ser considerado, num claro posicionamento de que também são sujeitos dessa história. Questionam o *mito da natureza intocada* que se fundamenta na separação homem/natureza. Suas vozes aproximam-se do pensamento benjaminiano ao criticar a modernidade. Para Benjamin (1987), a modernidade que se afirma excluindo valores e memórias é aquela comprometida com o historicismo, com a ciência e a técnica a favor da “barbárie”, que destrói e funda dicotomias: antigo/moderno, razão/mito, passado/presente. Benjamin criticou a pretensão hegemônica que assume a modernidade com essas características, pois tomada como ideologia, funda o “tempo vazio e homogêneo”. Esse filósofo era contra o fim utópico da tradição e do sonho, diante daquilo que se pretende “eternamente idêntico”. Para ele, “não se trata de recusar o sonho em nome da realidade e, sim, num certo sentido, o de recusar uma realidade dominada pelo mito em nome da realidade capaz de incorporar o vetor utópico do sonho” (Benjamin *apud* Rouanet, 1992, p.114).

Benjamin, em sua dialética, faz uma crítica às visões dicotômicas, dualistas, que são reforçadas em torno de projetos de exclusão. Em sua construção teórica, chama atenção para o lugar da memória, das tradições. Para ele, negá-las é negar a própria experiência humana, que é tão diversa.

Referências

ALMEIDA, S. P.; PROENÇA, C. E.; SANO, S. M.; RIBEIRO, J.F. *Cerrado: espécies vegetais úteis*. Planaltina: EMBRAPA/CPAC, 1998.

9 Utilizo como referência para esse “sertanejar-se” o trabalho de Monti (2002), que analisa as interações entre Brasília e o sertão do *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Ele observa que, “ao ser construída no sertão, Brasília sertanejou-se e o sertão modernizou-se”.

- ALBUQUERQUE, José Augusto M. A construção do espaço na Chapada dos Veadeiros. In: DUARTE, Laura Maria Goulart; BRAGA, Maria Lúcia de Santana (Org.). *Tristes Cerrados: sociedade e biodiversidade*. Brasília: Paralelo 15, 1998.
- ANEZ, Rogério B. da S. *O uso de plantas medicinais na comunidade de Garcês (Cáceres, Mato Grosso)*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Saúde/UFMT. Cuiabá, 1999.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2001.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal – do indígena ao colonizador*. Brasília: Verano, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. *O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação*. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPRON, 1996.
- _____. *Memória sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Editorial Cone Sul/Editora UNIUBE, 1998.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Queros, 1979.
- CARVALHO, José Jorge de. O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna. *Série Antropológica n. 77*, Brasília, UnB, 1989.
- CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Edições de Ouro, 1972.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994. v.1.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – NUPAUB, USP, São Paulo, 2000.
- _____. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – NUPAUB, USP, São Paulo, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico Nacional*, n. 24, 1996.

IORIS, Edviges (Coord.). Plantas medicinais do cerrado: perspectivas comunitárias para a saúde, o meio ambiente, e o meio sustentável. *Anais do Workshop Plantas medicinais do cerrado*. Goiás: Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior/Projeto Centro Comunitário de Plantas Medicinais: Mineiros, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Papirus, 1989.

LIMA, Luiz. *Entre cimos nublados uma solidão selvagem: uma corografia contemporânea da Chapada dos Veadeiros*. Brasília: Thesaurus, 2001.

MATOS, Olgária C. F. Memória e história em Walter Benjamin. In: *O direito à memória*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal de Cultura, DPH, 1992.

_____. A narrativa: metáfora e liberdade. *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n. 4, 2001.

MONTI, Estevão Monti. *Sertão-Brasília: história, cultura e meio ambiente: interações na criação de materiais educativos*. Dissertação de Mestrado – Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS/UnB, Brasília: UnB, 2002.

ROUANET, Sérgio Paulo. Porque o moderno envelhece tão rápido? In: Dossiê Walter Benjamin. *Revista da Universidade de São Paulo*, n.15, 1992, p. 48-75.

SARAIVA, Regina Coelly F. *Tradição e sustentabilidade: um estudo dos saberes tradicionais do cerrado na Chapada dos Veadeiros, Vila São Jorge-GO*. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS/UnB, Brasília, 2006.

SILVA, Suelma R. (Coord.). *Guia de plantas do cerrado utilizado na Chapada dos Veadeiros*. Brasília: WWF, 2001.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Resumo: Saberes e fazeres tradicionais do cerrado são desvendados por moradoras da Chapada dos Veadeiros-GO por meio de narrativas que revelam o encontro entre natureza e cultura, porém marcados pelo conflito de viverem numa área de preservação ambiental (Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros) reconhecida pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade. A partir da perspectiva benjaminiana de memória, as vozes silenciadas dessas moradoras – ex-garimpeiras, parteiras e benzedadeiras – foram ouvidas, permitindo a construção de outros olhares sobre aqueles saberes: a riqueza da biodiversidade da região; os múltiplos usos de plantas, raízes e flores; os “remédios do mato” que curam; “práticas mágicas” que revelam o olhar da cultura popular. Os registros de memórias de mulheres como Dona Maria Chefe, Maria Barbosa e Dona Flor foram realizados tendo como pressuposto teórico-metodológico a história oral. A narrativa construída por cada uma revela os vestígios de uma tradição marcada por tempos distintos, mas que traz elementos em comum. Essas moradoras, ao se depararem

com a possibilidade de extinção desses saberes e fazeres, revelam estratégias que se traduzem na afirmação de suas identidades.

Palavras-chave: saberes, fazeres, natureza, tradição.

Knowledge, makes and nature in the womes's voices from Chapada dos Veadeiros-Goiás

Abstract: Knowledge and traditional makes from the savanna are disclosed by the dwellers from Chapada dos Veadeiros – Goiás, by their narratives that reveal the meeting between the nature and culture, but marked by the conflict of living in area of environmental preservation (Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros) recognized by Unesco as humankind cultural patrimony. From the memory perspective by Walter Benjamin, the silenced voices of these inhabitants – former prospectors, midwives and women that pray for sick people get better – were heard, allowing the construction of different looks on those knowledge: the richness of the region biodiversity; the multiple uses of plants, roots and flowers; the “medicines of the woods” that cure; “magic practices” that reveal the look of the popular culture. The records of the memories as the Dona Maria Chefe, Maria Barbosa and Dona Flor were achieved as having the presupposed theoretic and methodological, the oral history. The narrative constructed by each one reveals the vestiges of a tradition marked by distinct times, but it brings common elements. Those dwellers, when facing with the possibility of the extinction of those knowledge and makes, reveal strategies, that translate in the statement of their identities.

Keywords: knowledge, makes, nature, tradition.

Recebido em: 15/03/2012

Aprovado em: 25/07/2012